

# GUIAS MUSICAIS

## INSTRUMENTOS

## MUSICAIS

UFRB  
CECULT

2022

CENTRO DE CULTURA,  
LINGUAGENS E TECNOLOGIAS  
APLICADAS

1

AUTOR

SÓLON ALBUQUERQUE MENDES

# SUMÁRIO

AULA 1	P.03
AULA 2	P.09
AULA 3	P.21
AULA 4	P.39

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFRB.  
Bibliotecária: Luciana Oliveira CRB5/1731

---

M538 Mendes, Sólton de Albuquerque  
Guia musical 1: instrumentos musicais / Sólton de Albuquerque  
Mendes. - Santo Amaro da Purificação, BA: UFRB/ CECULT, 2022.

44 p.: il., color.

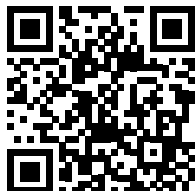
Disponível em:  
ISBN da coleção: 978-65-87743-83-7.  
ISBN do volume: 978-65-87743-80-6.

1. Música - instrução e estudo. 2. Instrumentos musicais. 3. Guia pedagógico. 4. Música popular. I. Mendes, Sólton de Albuquerque.  
II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD 780.7

---

**Acesse nosso site**



# Aula 1 Instrumentos da seção de base parte 1: guitarra, baixo e teclado

Autor: **Sólon Albuquerque Mendes** Professor de Arranjo e Composição, nível Adjunto III (dedicação exclusiva) da UFRB, lotado no CECULT (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas). Possui graduação em Composição e Regência pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2009), graduação em Música Bacharelado Em Instrumento pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), mestrado em Teoria e Criação - UFPR (2009) e doutorado em composição musical pela UFBA (2014). Estudou composição com importantes compositores, como Dimitri Cervo, Harry Crawl, Maurício Dottori, Arrigo Barnabé, Rodolfo Coelho, Paulo Costa Lima, e arranjo com Daniel Morales, Ian Guest e Alfredo Moura. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Composição Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: composição, análise musical, arranjo, música do séc. xx, música experimental e música eletrônica. Realizou estágio pós-doutoral em Teoria musical pela UDESC, sob supervisão do prof. Dr. Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas, entre fevereiro de 2021 a fevereiro de 2022. Trabalhou como arranjador e/ou instrumentista com importantes grupos e cantores(as), como Orquestra Sinfônica de Santa Maria, Nova Camerata de Curitiba, Grupo de Percussão COX, Orquestra Sinfônica da EMBAP, Orquestra Sinfônica da UFBA, Orquestra de Câmara do Palácio de Itaboraí, Coletivo Novos Cachoeiranos, Coletivo Xaréu, Nenito Sarturi, Analise Severo, Josyara, Sued Nunes, Ana Paula Albuquerque, Mateus Aleluia, Mateus Aleluia Filho, Lia Lordelo, Daniel Morales, Márcio Correia, Ian Guest, Leila Paiva, Banda Amanaê, entre tantos.



①

som real      transposição      cordas soltas

1 2 3 4

8va ↓

The image shows a musical staff in bass clef with three measures. The first measure is labeled 'som real' and has a natural sound icon above it. The second measure is labeled 'transposição' and has a transposition icon above it. The third measure is labeled 'cordas soltas' and has a fret diagram above it showing strings 1, 2, 3, and 4. Below the first measure, there is a '8va ↓' label.

②

---

# BAIXO ELÉTRICO

**O baixo elétrico é derivado do contrabaixo acústico de cordas friccionadas, da família dos violinos.** Nos anos 1950, o contrabaixo acústico era amplamente utilizado em bandas de música popular,. No entanto, por conta do seu grande tamanho, o transporte do instrumento passou a ser um problema. Leo Fender, um técnico em eletrônica, criou então o baixo elétrico, que ficou conhecido como “Fender Bass”, cujo modelo foi inspirado na guitarra elétrica, trazendo grandes alterações em relação ao contrabaixo acústico. O baixo elétrico geralmente possui quatro cordas, embora também existam modelos de cinco e seis.

O baixo elétrico possui as cordas soltas afinadas em Mi, Lá, Ré, Sol, e as notas são escritas uma oitava acima em relação ao seu som (imagem ao lado).

Ao longo dos anos, os baixistas foram desenvolvendo várias técnicas e maneiras de se executar o instrumento, muitos destes recursos ligados a gêneros musicais com os quais possui grande pregnância sonora.

**Figura 1** Baixo elétrico, Ensaio do Coletivo Xaréu;

**Exemplo 2** Baixo elétrico: som real, transposição e cordas soltas



③

som real	transposição	cordas soltas

④

---

# GUITARRA ELÉTRICA

**Denomina-se “cordofone” o instrumento cujo som é** produzido pela vibração de cordas tensionadas. A guitarra elétrica é um instrumento da família das cordas pinçadas. Seu som, embora amplificado, é produzido pela vibração das cordas e transformado em sinal elétrico através da utilização dos captadores.

Existem basicamente dois tipos diferentes de guitarras: as maciças e as semiacústicas. As guitarras maciças possuem, como seu nome sugere, o corpo inteiriço, o que faz com que esses instrumentos não possuam caixa de propagação e, como consequência, o seu som natural tenha pouquíssimo volume sonoro. São geralmente feitas de madeira, mas existem também modelos feitos de acrílico, alumínio e fibra de carbono. Este tipo de guitarra geralmente é utilizado por músicos que necessitem adicionar ao som diversos tipos de efeitos - distorção, chorus, delay, flanger etc.- através do uso de pedais.

A guitarra semiacústica, por sua vez, possui caixa de propagação e, apesar de também depender de captação e amplificação, seu som natural é mais intenso em relação ao da guitarra maciça. Muitas vezes é utilizada sem nenhuma adição de efeitos (ou de maneira mais sutil), e em gêneros musicais ligados ao jazz e/ou blues. Apesar de possuir a mesma afinação e disposição das cordas e notas em relação ao violão (isto é: Mi, Lá, Ré, Sol, Si Mi), trata-se de instrumentos bem diferentes, com repertórios próprios e maneiras de se tocar específicas. Abaixo seguem as notas mais graves e agudas das guitarras (som real e transposto), assim como as notas relativas às cordas soltas (transposto):

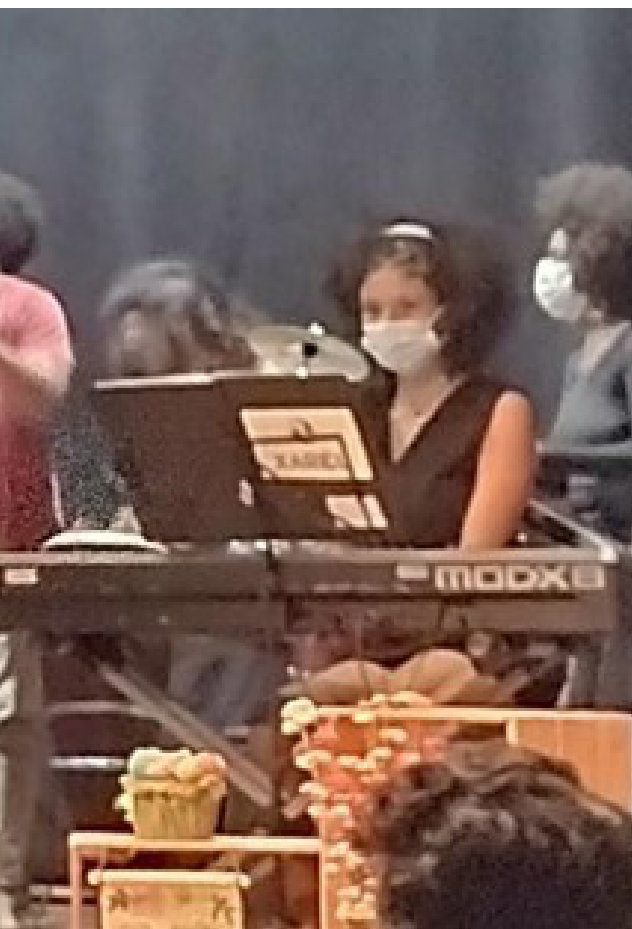
**Figura 3** Guitarra elétrica;

**Exemplo 4** Guitarras: som real, transposição e cordas soltas

---

## TECLADO/SINTETIZADORES

5



**Atualmente existem diversos tipos de teclados disponíveis**, cada qual com suas especificações. Os três principais são: os teclados arranjadores, que possuem autoacompanhamento e diversos ritmos acoplados; os sintetizadores, que possuem capacidade de criação/edição de timbres; os *workstations*, teclados com interfaces de produção musical. Além disso, existem teclados híbridos, que misturam essas categorias. Em bandas de música popular, muitas vezes os tecladistas também utilizam controladores, que lhes possibilita inserir uma infinidade de timbres, sons e pistas pré-gravadas nas faixas.

Existem diversas categorias de timbres já consagradas, e muitas vezes os teclados possuem bancos de timbres que seguem determinados padrões, tais como: pianos acústicos, pianos elétricos, clavinetes órgãos, *strings*, *synth brass*, *lead synth*, *pads*, efeitos fx etc.

O teclado, quando utilizado em bandas de música popular, pode assumir diferentes funções nos arranjos, desde arpejos, camas harmônicas com *pads* e *strings*, até assumir papel conferido aos sopros, fazendo *riffs* e frases de contracanto. Outro aspecto muito explorado por tecladistas profissionais é a variação de timbres e coloridos, além de efeitos e texturas sonoras.

**Figura 5** Tecladista do Coletivo Xaréu



# **Aula 2** instrumentos da seção de base parte 2: instrumentos de percussão



⑥

---

# BATERIA

**A bateria consiste em um conjunto de instrumentos de percussão, geralmente agrupados por tipologias, como chimbau, tons, caixa clara, prato suspenso e bumbo, podendo existir inúmeras variações em relação à combinação supracitada. Os primeiros agrupamentos com estas características da bateria moderna surgiram nos EUA, embora possamos encontrar, no decorrer da história da música, situações parecidas, nas quais músicos juntam dois ou mais instrumentos para formar uma espécie de instrumento composto. Geralmente o baterista utiliza as baquetas de madeira para executar o instrumento, embora também seja comum o emprego de outros tipos de baquetas, como a vassourinha e bilros, além de ser eventualmente tocada com as mãos.**

Para entendermos a complexidade de uma bateria, podemos pensar em uma filarmônica, que geralmente é integrada por pelo menos três percussionistas, sendo que cada um executa sempre o mesmo instrumento: um, o bumbo; outro, a caixa; e outro os pratos. A bateria foi inicialmente pensada como uma forma de juntar estas três funções, para que pudessem ser executadas por um

único músico.

Primeiramente, a criação de um pedal para o bumbo foi o que propiciou este desenvolvimento. Existem relatos de que, desde o século XIX, músicos de rua utilizavam alguns tipos de pedais para acionar tambores e pratos, existindo diversas engenhocas concebidas para este propósito. Mas foi em 1910 que William F. Ludwig criou o primeiro modelo de um pedal de madeira prático para bumbo, que foi amplamente utilizado nesta época, servindo de base para a criação dos modelos atuais de bateria. A estante de caixa também foi sistematizada neste período, pois até então era colocada em cadeiras ou pendurada por correias.

Figura 6 Bateria

# ATABAQUES

**Os atabaques são instrumentos de** origem africana, da família dos membranofones. Integram esta categoria os instrumentos de percussão conhecidos como tambores, cujo som é gerado pela vibração de uma membrana esticada em algum suporte, e provocada por baquetas ou mãos. Nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé, os atabaques são tocados em trio. Conhecidos como “rum”, “rumpi” e “lê” -, respectivamente o grave, médio e agudo -, cada qual possui

tipologias de funções musicais amplamente desenvolvidas dentro do contexto sagrado. Atualmente, as polirritmias executadas pelos atabaques, juntamente com o agogô, dentro das claves de matriz africana, assim como a implicação destas claves para a música popular brasileira e norte americana, têm sido objeto de estudo de pesquisadores do Brasil e do mundo

Os atabaques e suas variações vêm sendo utilizados em conjuntos de música popular desde os primórdios do século XX, tanto na música oriunda da diáspora africana, encontrada nas Américas, quanto na música popular africana moderna. Fela Kuti, músico nigeriano considerado um dos precursores do movimento Afrobeat<sup>1</sup> utilizou, desde a década de 1960, atabaques e claves de matriz africana em suas composições.

7



**Figura 7** Atabaque, Ensaio do Coletivo Xaréu

# AGOGÔ

**Atualmente, o agogô é um dos instrumentos mais populares da música popular brasileira.** Isso se deve ao alto grau de participação em clássicos da literatura musical, de diversos gêneros musicais. O agogô é responsável por marcar as claves da maioria dos toques de matriz africana, mas também pode ser utilizado em arranjos, executando ritmos e fraseologias com amplas possibilidades estético-musicais. A clave do ijexá é muitas vezes executada pelo agogô:

Também conhecido como “gã”, o agogô (que quer dizer “sino”, em iorubá) é originário da África Ocidental.. Pode ter um ou mais sinos, mas na música popular brasileira as versões com dois sinos (médio e agudo) ou três sinos (médio, agudo e grave) são as mais difundidas.

8



**Exemplo 8** Transcrição da clave do ijexá;  
**Figura 9** Agogô

9



---

## TRIÂNGULO

10



**Apesar de o triângulo ser utilizado amplamente na** Europa desde o período medieval, a música popular brasileira encontrou uma maneira bem peculiar de tocar o instrumento, sobretudo nos gêneros oriundos do Nordeste. Luíz Gonzaga, conhecido como o Rei do Baião, utilizou o triângulo em centenas de arranjos de suas canções, ajudando a consolidar o instrumento como um dos mais importantes de nossa música popular. Djalma Correa, conceituado percussionista brasileiro, gravou um arranjo de triângulo na música *Mercy Street* do cantor inglês Peter Gabriel, conferindo um colorido especial à gravação, demonstrando a versatilidade do instrumento e suas possibilidades de utilização em diferentes gêneros de música popular e erudita.

O triângulo é considerado um idiofone, ou seja, um instrumento cujo som é provocado pela própria vibração. É feito de metal, e o som obtido por percussão, através do atrito de uma baqueta (geralmente de aço). Na música nordestina, é muito utilizado juntamente com a zabumba e o acordeon: a formação básica dos famosos trios nordestinos. No forró, existem dois sons básicos, o aberto e o fechado, obtidos através de sincronia da mão com a baqueta, podendo ter maior sustentação ou obter um som mais seco.

**Figura 10** Triângulo

# BACURINHAS

## As bacurinhas fazem parte da música

popular baiana urbana, sendo este instrumento muito associado ao pagode baiano, estilo no qual/gênero no qual costumam ser utilizadas para executar frases e ritmos virtuosísticos. Geralmente aparecem agrupadas em de duas a quatro bacurinha. Seu som e toque são derivados do repinique, mas as bacurinhas são mais agudas e agrupadas em diferentes alturas, o que possibilita que sejam todas tocadas por um único percussionista. Este fato é muito importante, pois a partir do momento que o percussionista as tem assim dispostas, surgem possibilidades de fraseologias rítmicas associadas à intervenção das alturas, o que confere grande interesse ao discurso musical, fazendo com que as bacurinhas desempenhem papel fundamental na consolidação de novas estéticas e tendências da música popular brasileira.

11



Figura 11 Bacurinhas

---

## BLOCOS CHINESES (TEMPLE BLOCKS)

**Os blocos chineses são instrumentos oriundos da Ásia, e** consistem em grupos de blocos de madeira de tamanhos variados, capazes de produzir sons de/ timbres de alturas diferentes (grave, médio e agudo). Os *temple blocks* podem ser dispostos desde um bloco sozinho ou agrupados em dezenas. Apesar de poder eventualmente ser agrupado por escalas pentatônicas, e até cromática, o instrumento não costuma ser tratado de maneira tonal/modal. É utilizado para formar frases rítmicas, mesmo em músicas nas quais a tonalidade seja diferente das alturas dos blocos.

---

## APITOS

**Há registros escritos e também em pinturas que compro-**vam a utilização de apitos por instrumentistas de percussão desde o período medieval. Tanto na música popular, quanto na erudita, os apitos costumam ser tocados pelos percussionistas, embora, na prática, encontremos exemplos de instrumentistas de sopros e de outros naipes executando apitos em determinadas seções de músicas.

O tipo de apito a ser utilizado é um assunto muito amplo, pois existem diversos. Cada região do mundo desenvolveu diferentes modelos - até mesmo alguns que imitam sons de animais, usados para auxiliar em caçadas e outras lidas rurais. O fato é que os apitos são amplamente empregados em arranjos de música popular, inclusive com funções diferentes, demonstrando a versatilidade e variedade de timbres e texturas que podem ser explorados através de sua utilização.





12 13



Figura 12 Blocos chineses (temple blocks)  
Figura 13 Apitos



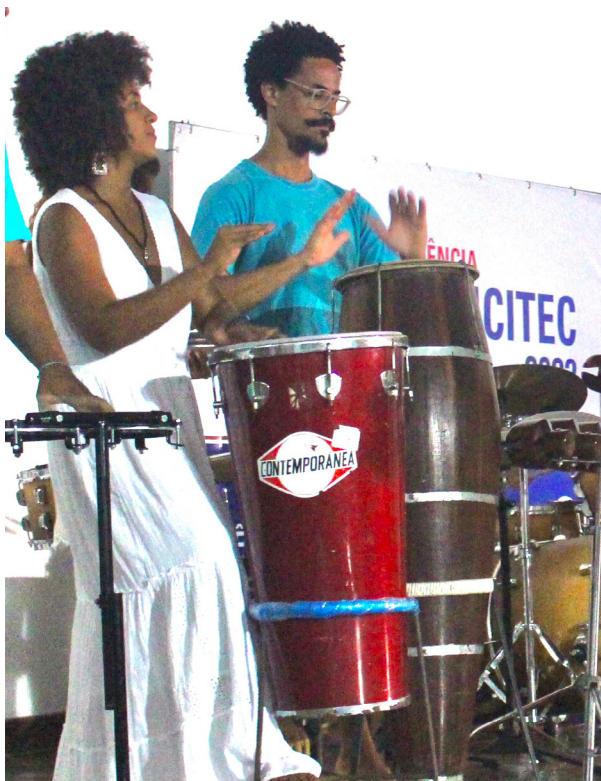
14

---

## XEQUERÊ

O **xequerê**, também conhecido como **abê** ou **agbê**, é um instrumento de origem africana utilizado em diversos gêneros de música popular brasileira. Classificado como idiofone, consiste de uma cabaça envolta por uma rede, que pode ter desde miçangas, até pequenas conchas como material de fricção. Em muitos arranjos de música popular, o xequerê executa uma função próxima à dos chocalhos, porém com um espectro de frequência mais grave e com possibilidades rítmicas menos incisivas.

Figura 14 Xequerê



15

---

## TIMBAL

**Instrumento musical derivado do Caxambu**, desenvolvido no Recôncavo Baiano, é da família dos membranofones. Existem indícios de que, na década de 1960, o músico José Lisboa Marinho, de Coração de Maria, já tocava timbal em sua banda. Décadas depois, o instrumento foi popularizado por Carlinhos Brown e se tornou conhecido no Brasil e no mundo através do grupo Timbalada, que criou toques e frases específicas para o instrumento. Atualmente é muito utilizado em diversos gêneros e por grupos de música popular, no Brasil todo.

Figura 15 Timbal

# VIBRAFONE

**O vibrafone é um instrumento de percussão com notas afinadas dentro da escala temperada, possuindo o total cromático (doze notas), geralmente com 2 oitavas + 4ª justa. É um idiofone, muitas vezes tocado com quatro baquetas, embora possa ser tocado com duas ou seis. Foi desenvolvido no século XX e muito utilizado no jazz por grandes nomes como Gary Burton (EUA), Ney Rosauro (Brasil),**

este último um dos pioneiros no desenvolvimento da técnica de tocar com seis baquetas.

Outro grande vibrafonista é o músico Mulatu Astatke, um dos precursores do jazz etíope, que gravou diversas músicas executando o instrumento, misturando elementos da sua cultura com o universo do jazz e da improvisação livre.

**Figura 16** Vibrafone sendo utilizado em banda, Coletivo Xaréu



16



# Aula 3 Instrumentos melódicos



17

som real                      escrita

8<sup>va</sup>                      8<sup>va</sup>

18

---

# CLARINETE

**O clarinete é um instrumento de sopro de tubo cilíndrico**, com palheta simples e sistema de chaveamento complexo. É um instrumento transpositor em si bemol, embora também existam clarinetes em lá, ainda que atualmente venham sendo pouco utilizados. Possui grande representatividade e participação na história da música popular brasileira, difundido por importantes instrumentistas/compositores de choro, como Abel Ferreira e K-ximbinho, e outros gêneros, como Paulo Moura e, mais recentemente, Ivan Sacerdote.

É um instrumento de grande extensão, possuindo mais de três oitavas e meia. Os teóricos de instrumentação e orquestração costumam dividir o clarinete em quatro regiões de sonoridade: grave, médio, agudo e superagudo. Por ser um instrumento muito versátil, pode ser utilizado em arranjos em diferentes funções e contexto. Pode ser solista, construir contracantos ativos e passivos, assim como participar de blocos mecânicos e/ou lineares, conferindo uma rica sonoridade e timbragem característica à música. Muito utilizado nas filarmônicas e bandas.

Por se tratar de um instrumento muito ágil, passagens com muitas escalas e arpejos podem funcionar bem em arranjos com clarinete. Porém, é necessário observar que não é possível realizar *staccatos* duplos com a mesma destreza que flautistas e trompetistas conseguem fazê-lo em seus instrumentos, devido ao formato da palheta simples. Por outro lado, passagens em que predominam as articulações tendem a soar bem e serem executadas com menor grau de dificuldade e maior conforto por parte do instrumentista.

Os trínados, no geral, são relativamente fáceis de serem executados e soam bem, sobretudo nos registros agudos. No registro grave, no entanto, tendem a soar pesados e devem ser utilizados com cautela, sobretudo se o arranjo já estiver fazendo uso de outros instrumentos nesta região. Existem alguns trêmolos que são de difícil execução, sendo necessário ao arranjador conhecer o instrumento, ou consultar instrumentistas que possam auxiliar nesta questão.

Na primeira metade do século xx, chega a fazer parte ativamente das *big bands*, embora tenha acabado sendo excluído da formação clássica, (trompetes, saxofones e trombones). Mas importantes arranjadores de *big band*, como Quincy Jones, continuaram utilizando clarinetes e flautas em seus arranjos.

**Figura 17** clarinete  
**Exemplo 18** extensão do clarinete



19



20



---

# FLAUTA TRANSVERSAL

**A flauta transversal é um dos instrumentos de sopro mais difundidos em inúmeros gêneros musicais e muito utilizada nas filarmônicas e bandas. Na música popular brasileira, há uma grande tradição no uso do instrumento: desde mestres como joaquim callado (autor de “flor amorosa”) pattápio sila, benedicto lacerda e altamiro carrilho, até flautistas mais recentes, como toninho carrasqueira e texo cabral.**

O complexo sistema de chaves existente na flauta foi resultado de longa evolução. Existiram diversos modelos até chegarmos ao sistema boehm, criado pelo flautista e inventor bávaro theobald boehm (1831-1847).

Antes deste sistema, as flautas tinham extensão menor, e problemas de afinação em algumas notas. Além disso, determinadas tonalidades eram muito difíceis de serem executadas, devido a digitações difíceis e problemas de afinação. Durante o período barroco, existiram diversos modelos de flauta

transversal, até que no classicismo se estabeleceu um modelo de madeira, com um furo cônico invertido, oito chaves e pequenos orifícios.

Por ser um instrumento muito ágil, a flauta transversal é muito explorada em sonoridades que envolvam muitas escalas e arpejos rápidos, tanto em *staccato* duplo e triplo quanto em *legato*. Possui três oitavas de registro, mas as notas graves soam com pouca intensidade, portanto deve-se ter atenção ao escrever arranjos em bloco envolvendo este instrumento.

Existem diversas técnicas expandidas que são utilizadas na música pop, como o *hamming*, que consiste em tocar a flauta e cantar ao mesmo tempo, produzindo um terceiro som resultante. Já no *frulato*, pronuncia-se a letra “r” enquanto se toca as notas. Outras possibilidades são o *slap* - tocar forte as chaves sem soprar -, e o *jetwhistle*, que consiste em assoprar diretamente no cano da flauta, produzindo um som de vento. Muitos flautistas também costumam utilizar pedais de efeito na flauta, que podem ser desde pedais de distorção, até *chorus*, *delay* e equalizadores.

**Figura 19** flauta transversal

**Exemplo 20** extensão da flauta transversal

---

## SAXOFONES

### O saxofone foi inventado pelo belga antoine joseph sax, conhecido como

adolphe sax. Ele adaptou uma boquilha de palheta simples (semelhante à do clarinete) a um oficleide, e teve então a ideia de criar o saxofone. No dia 28 de junho de 1841, concluiu a fabricação do primeiro instrumento.

Os saxofones foram extremamente importantes para o desenvolvimento da linguagem da música popular do século xx, e são utilizados de maneira intensa até os dias de hoje, em gêneros contemporâneos e contrastantes entre si. Os instrumentos mais utilizados da família dos saxofones são: sax soprano, sax alto, sax tenor e sax barítono. Também existem os saxofones sopranino (mais agudo que o soprano), baixo e contrabaixo (mais graves que o barítono). Muito utilizado nas filarmônicas e bandas de música. Nas *big bands* clássicas, geralmente são utilizados cinco saxofones- dois altos, dois tenores e um barítono.

---

## SAX ALTO

### O sax alto é afinado em mib, isto

quer dizer que o instrumento é escrito a uma 6ª m em relação ao som real. O sax alto ficou muito conhecido devido a sua utilização no jazz, mas também figura em uma infinidade de gêneros de música popular. Na brasileira é amplamente utilizado no pop, tanto realizando solos quanto participando de arranjos de bloco, juntamente com trompetes, saxofones tenor e trombones. Nesse tipo de formação, costuma aparecer nos arranjos como segunda voz do bloco, ficando com notas mais graves que o trompete. Eventualmente pode

aparecer como nota mais aguda, possibilitando articulações mais suaves devido ao som das palhetas.

Os trinados soam bem nos saxofones, fazendo parte do seu repertório fraseológico, tanto escrito quanto improvisado. Alguns trêmolos com intervalos abertos, como sextas ou sétimas, podem ser difíceis de serem executados. Nestes casos é aconselhável consultar instrumentistas e tratados de instrumentação que podem ter tabelas com as posições e trêmolos difíceis e evitáveis.

**Figura 21** Sax alto

**Exemplo 22** extensão do sax alto

21



22

som real

escrita





23

som real

escrita

24



---

## SAX TENOR

**O saxofone tenor é outro instrumento de sopro bastante** difundido na música popular. John Coltrane foi um dos grandes nomes do instrumento, ajudando a difundir e expandir suas possibilidades técnicas. No Brasil, tivemos Pixinguinha, um multi-instrumentista, compositor e arranjador que criou diversos contrapontos no sax tenor para composições de sua autoria (melodias para flauta), estabelecendo uma linguagem que fez escola, tanto nas tipologias de arranjo de sopro, derivadas dos arranjos da era do rádio, quanto das linhas de baixo de sete cordas (contrapontos). Assim como o sax alto, o sax tenor é utilizado em diversos gêneros musicais com estéticas distintas. São instrumentos muito versáteis, e apesar de serem melódicos podem realizar funções das mais diversas.

A utilização de *riffs* (em bloco ou individualmente) é uma das possibilidades que vem sendo utilizada pelos saxofones na música pop de diferentes estilos e épocas. Uma das formas de texturas mais comuns nas *big bands* é aquela em que os trompetes executam a melodia principal em uníssono, enquanto o naipe dos saxofones executa *riffs* de características melódicas, como um

acompanhamento dialógico, numa espécie de contraponto subordinado. Encontramos também essa textura em outros gêneros, como o axé music da Bahia. No caso do ar-rocha, ocorre geralmente o uso de contraponto improvisado, formando melodias marcantes e com bastante movimento melódico.

O saxofone tenor é um instrumento transpositor, escrito em sib. Os trinados, no geral, soam bem para o sax tenor, mas os graves tendem a soar bem expressivos e marcantes. Alguns trêmolos são de difícil execução, sendo necessária a consulta para passagens mais difíceis.



25

som real          escrita



26

---

# TROMPETE

## O trompete é um instrumento transpositor em sib.

Integra a família dos metais - instrumentos que, além de serem feitos do elemento que lhes dá nome, , possuem bocal.<sup>2</sup> O trompete possui uma construção completa, resultado de séculos de desenvolvimento. É um instrumento bastante versátil, sendo utilizado tanto em música clássica quanto em música popular, até em bandas marciais.

O trompete figura em diversos tipos de orquestras e bandas, inclusive de rua. É um dos instrumentos com maior amplitude e capacidade de volume e dinâmica, sobretudo nos fortes, e talvez por este motivo tenha se popularizado em tantas manifestações musicais. Em bandas de jazz, costuma ter destaque como solista; e em bandas de música pop, é um dos instrumentos mais frequentemente integrados ao naipe de sopros.

Quando se utiliza técnica de bloco, o trompete costuma ficar com a nota mais aguda, devido a sua capacidade sonora e poder de ataque e *staccatos*. É um instrumento muito utilizado em filarmônicas e bandas de sopro do recôncavo da bahia.

O trompete possui trinados brilhantes com bastante pujança sonora, muito utilizados na música popular, sobretudo aquela produzida na América Latina. Arturo Sandoval, um dos grandes trompetistas de jazz cubano, é conhecido por seus trinados labiais - um tipo de trinado cujos intervalos são feitos com a mudança de pressão nos lábios, e não com as chaves - considerados uma

demonstração de virtuosismo.

*Staccatos* duplo e triplos soam muito bem no trompete, pois além de conseguir articulações velozes e precisas, possui grande capacidade de projeção. Os glissandos ascendentes têm grande efeito no trompete, sendo bastante explorados. Os vibratos em nota longa soam bem expressivos, e são um recurso de arranjo para solos em determinados estilos mais intimistas.

A surdina, muito utilizada no jazz, acrescenta um colorido especial ao timbre do trompete, apesar de afetar bastante a capacidade de dinâmica, sobretudo nos fortes. Portanto deve-se ter cuidado para não sobrecarregar o acompanhamento em solos de trompete com surdina em apresentações ao vivo. Trêmulos no geral soam esquisitos e são muito difíceis de fazer, por isso devem ser evitados nos trompetes.

Figura 25 trompete

Exemplo 26 extensão do trompete



27



28



---

# TROMBONE

## O trombone é um instrumento

aerofone descendente da sacabuxa (instrumento medieval com o mecanismo de vara). Integra a família dos metais e, até o renascimento, era o instrumento de metal mais utilizado pelos compositores ligados à tradição da música escrita cristã ocidental. Não é instrumento transpositor, e sua extensão se situa numa região mais grave que a do trompete e mais aguda que a da tuba:

Apesar do trombone possuir uma extensão ampla, deve-se levar em conta que as notas extremas, tanto agudas quanto graves, são muitas vezes inviáveis no contexto de prática de conjunto e arranjo. Ou seja: deve-se evitar utilizar estas notas extremas ao formar blocos com outros instrumentos, a não ser que exista algum motivo expressivo para explorar estas sonoridades. Além destas notas soarem com dinâmica

e afinação desequilibradas, são de difícil execução.

Por ser um instrumento versátil, o trombone é utilizado em diversos gêneros de música erudita e popular. Faz parte de agrupamentos mais tradicionais, como orquestras sinfônicas, *big bands*, filarmônicas e bandas marciais, mas também é muito utilizado em bandas de música popular, tanto como solista quanto como parte integrante do naipe de sopros. Além do trombone de vara, existe o trombone de pisto, que possui válvulas semelhantes às do trompete.

O trombone possui alguns recursos idiomáticos muito peculiares, como a possibilidade de fazer glissandos. É possível utilizar surdina no trombone - recurso, inclusive, muito empregado em grupos de jazz, tanto em *big bands*, com arranjos em bloco, quanto como solista. A natureza do instrumento, assim como as suas características de propagação e produção sonora, fazem com que o trombone não seja o instrumento mais adequado para fazer frases em legato. Devido à natureza da produção das notas, certas frases são impossíveis de serem executadas sem ouvir os portamentos e pequenas apojeturas derivadas das mudanças de posição.

O trombone é um instrumento muito utilizado na música popular brasileira, habitual integrante do naipe de sopros. O quarteto formado por trompete, sax alto, sax tenor e trombone foi utilizado durante muito tempo em bandas de música popular (com diversas variações em torno desta base, conforme o tamanho da banda e disponibilidade de instrumentistas).

Figura 27 trombone

Exemplo 28 extensão do trombone

---

## TUBA (BOMBARDÃO)

A tuba integra a família dos metais e é considerada um aerofone. A família das tubas é formada pelos instrumentos mais graves do naipe dos metais. Foram os últimos instrumentos de metal a serem inventados e incorporados às orquestras sinfônicas. A primeira tuba patenteada surgiu em 12 de setembro de 1835, e foi criada por Johann Moritz e Wilhelm Wieprecht.

Existem três principais tubas: a tenor (também conhecida como eufônio), baixo e contrabaixo, sendo que as duas últimas não são adequadas ao uso em desfiles ou performances que exijam deslocamento por parte dos músicos. Para esta finalidade, surgiram outros

modelos de tuba, como o sousafone (criada em 1898, muito utilizada nas filarmônicas do recôncavo baiano); o helicon (caiu em desuso no Brasil depois da segunda metade do século XX, mas ainda é utilizada em fanfarras montadas) e a tuba de marcha.

Existem tubas em si bemol (mais usadas), mi bemol (dois tipos), fá e dó. A tuba executa partes graves do arranjo, podendo cumprir diversas funções, incluindo linhas de baixo, *riffs*, solos, e até mesmo participar de blocos em arranjos com outros instrumentos melódicos, conferindo uma timbragem especial e um contorno à região grave. A tuba foi bastante utilizada na música popular brasileira da primeira metade do século XX. São inúmeros os arranjos de cantores e cantoras da era do rádio que utilizam tuba. Muitas vezes fazendo a linha do baixo, conferindo uma sonoridade bastante característica às canções.

Na música *a banda*, de Chico Buarque, podemos ouvir a tuba, juntamente com outros instrumentos típicos de bandas de sopro (filarmônicas). A Orquestra Rumpilezz utiliza a tuba em sua formação, muitas vezes para executar *riffs* marcantes, conferindo uma sonoridade bastante peculiar a seu repertório.

**Figura 29** tuba em sib

**Figura 30** tuba em sib, detalhe dos pistos





31



32

---

# VIOLINO

**O violino é um instrumento de cordas friccionadas, classificado como cordofone.** Apesar de ser associado ao universo da música clássica, sobretudo a orquestral, é um instrumento de grande importância dentro do universo da música popular, sendo utilizado em arranjos de gêneros diversos. É o caso também da rabeca, sua precursora<sup>3</sup>, . Sobretudo no nordeste do Brasil, região onde encontramos particularidades em relação a seu manuseio e execução.

A família dos violinos compreende outros instrumentos: a viola, o violoncelo e os contrabaixos. O quarteto de cordas clássico é composto por dois violinos, viola e violoncelo; e o naipe de cordas de uma orquestra sinfônica é composto por primeiros violinos, segundos violinos, violas, violoncelos e contrabaixos.

Até a década de 1960 (pouco antes do advento dos instrumentos musicais eletrônicos), o naipe das cordas era amplamente utilizado em arranjos de música popular. Tinha participação ativa em orquestrações, muitas vezes coexistindo com instrumentos mais ligados à tradição da música popular, como cavaquinho, violão e pandeiro. Por ser um instrumento muito ágil, o violino costuma executar melodias rápidas, envolvendo a utilização de escalas

e arpejos em andamento acelerado. Seus trinos soam bem, praticamente em toda a extensão do instrumento, e trêmulos costumam ser explorados com o naípe inteiro executando esta técnica. É afinado em quintas, e possui uma extensão ampla:

Em algumas situações especiais, e com limitações, é possível para o violino executar mais que uma nota simultaneamente. Além disso, é um instrumento que possui uma grande gama de sonoridades e tipos de arcaças, cada qual com suas notações específicas. Isso faz com que seja possível utilizar pedais de efeitos de guitarras nos violinos, com resultados de timbres muito interessantes. Jean Luc Ponty foi um violinista de jazz fusion e rock que utiliza, desde a década de 1960, pedais de efeito no violino, tendo realizado centenas de gravações de fonogramas explorando estes timbres e efeitos.

**Figura 31** violino

**Exemplo 32** extensão e notas soltas do violino



# Aula 4    Vozes

## VOZES

**As classificações vocais atuais são** resultado de séculos de desenvolvimento, mudando de nomenclaturas ao longo do tempo. Embora tenham sido criadas para denominar extensões vocais no universo da música erudita de tradição cristã, são comumente utilizada no âmbito da música popular (embora com variações).

No geral, temos vozes graves, médias e agudas masculinas e femininas, que podem ser descritas da seguinte maneira: contralto, mezzo soprano e soprano (vozes femininas, do grave ao agudo, respectivamente); baixo, barítono e tenor (vozes masculinas, do grave ao agudo, respectivamente). Dentro de cada uma destas divisões, temos subdivisões que servem para diferenciar os tipos vocais. Temos cinco subdivisões para soprano, duas para mezzo soprano e três para contralto. Essas subdivisões foram criadas a partir do contexto e repertório operísticos, e se referem a vozes solistas.

No âmbito da música coral, temos geralmente quatro vozes, embora existam variações internas. Um número significativo de

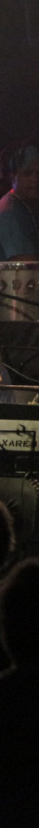


33

composições e arranjos corais se baseiam na escrita a quatro vozes, e mesmo quando existem mais partes envolvidas, são variações deste princípio. As classificações vocais na nomenclatura coral são: Soprano / Contralto / Tenor / Baixo

Mesmo q um coral de grandes proporções, com trinta ou quarenta cantores(as), terá uma estrutura musical de quatro partes. Ou seja: todas as sopranos cantam a mesma melodia, assim como as contraltos, os tenores e os baixos. Pode ocorrer das vozes se subdividirem internamente (por exemplo duas partes de tenor ou de outra categoria), mas a textura musical básica é a quatro vozes. Na época das grandes rádios nacionais - ou seja, até a década de 1950 - boa parte das cantoras e cantores de música popular brasileira utilizavam procedimentos de canto lírico como base para sua interpretação, geralmente explorando o virtuosismo e técnicas típicas de ópera, como empostação, vibratos, portamentos, entre outras.





A classificação das vozes geralmente é feita pelo regente coral e/ou professor(a) de canto, e pode mudar conforme o desenvolvimento vocal individual. Além da extensão vocal (notas alcançadas pelo cantor), deve-se levar em conta a região onde a voz soa com mais qualidade, expressividade e projeção. Esta relação entre extensão e timbre é o que vai determinar a classificação vocal, pois muitos cantores(as) podem possuir uma extensão vocal abrangente (capacidade de emitir grande número de notas graves e agudas), mas uma região funcional limitada (região onde as notas soem com qualidade e timbre adequado). Por este motivo, deve-se evitar classificar precocemente estudantes que estejam iniciando na arte do canto, pois muitas vezes, com treinamento e técnica vocal, as pessoas costumam ampliar sua extensão e descobrir em que região (grave, média ou agudo) sua voz soa com mais qualidade.

A partir da década de 1950, a música popular brasileira começou a incorporar outras maneiras de se

cantar, se afastando cada vez mais das técnicas de canto lírico, que tanto a haviam marcado. Dos anos 1970 em diante, a música urbana e rural se fundem de maneira sistemática na música de massa, incorporando um grande número de possibilidades e estratégias vocais ligadas a maneirismos e estilos peculiares. Diversas técnicas foram desenvolvidas, muitas das quais ligadas a outros gêneros musicais. Um exemplo é a técnica do drive, na qual se busca imprimir na voz uma sonoridade que imita os pedais de distorção típicos das guitarras.

É difícil falar em técnica vocal para música popular atualmente sem deixar alguma tendência ou estética de fora, visto que se trata de um universo imenso de repertório e artistas. Rap, funk e pagode baiano, por exemplo, possuem maneiras muito específicas de serem cantados, de tal modo que a técnica empregada em canções de arrocha ou sertanejo universitário pode ser inadequada para interpretar músicas desses outros gêneros.

Figura 33 legenda aqui



## FICHA TÉCNICA

Concepção: Danillo Barata  
Coordenação Geral: Daniele Canedo e Danillo Barata  
Curadoria: Cláudio Manoel, Daniele Canedo, Danillo Barata e Ellen Mello  
Coordenação Pedagógica: Cláudio Manoel e Sólón Mendes

Coordenação de Mesas e Grupos de Trabalho: Anderson Brasil, Cláudio Manoel, Daniele Canedo, Jorge Lampa, Layno Pedra, Lia Lordelo, Luciano Simões, Lúcio Agra, Nadja Vladi, Regiane Miranda, Rodrigo Heringer e Tatiana Lima  
Coordenação de Produção: Ellen Mello  
Produção Administrativa: Layno Pedra  
Equipe de Produção: Bianca Ribeiro, Catriel Chamusca, Laís da Conceição, Marília Pereira, Marina Martinelli e Thainá Oliveira

Coordenação Técnica: Larissa Lacerda  
Técnicos de Som: Caetano Mendes e Cají  
Iluminação: Larissa Lacerda e Milena Pitombo  
Diretor de Palco: César Jr. (Sopa)  
Motoristas: Diércio Ribeiro, Fernando Augusto da Silva, Marcelo Nunes dos Santos e Kleber Santos Conceição

Coordenação de Comunicação: Paula Berbert – Marcatexto  
Redes Sociais: Paula Berbert e Rhanna Rosa  
Coordenação de Registro: Larissa Lacerda  
Assessoria de Imprensa: Atila Barros – Marcatexto  
Identidade visual e Projeto Gráfico: Grida e Gil Maciel  
Site: Diego Fox  
Painel Artístico: J.Cunha  
Intervenção Artística: Coletivo Grão

Bolsistas de Produção: Ana Cristina de Andrade da Cruz, Débora Ladislau de Medeiros, Iraí Iakowsky Barbosa, Rodrigo Mota da Silva e Willian do Rosário de Andrade  
Bolsistas de Comunicação e Mobilização: Andressa de Figueirêdo Carvalho, Humberto Moreira dos Reis Filho, Josimar Gaspar dos Santos (junho a setembro), Leticia Siqueira, Manuela de Jesus Paulino, Maria Clara Falcón Lago de Jesus e Wilis de Jesus Araújo  
Bolsistas de Registro: Messias Araújo dos Santos, Sheila Araujo da Silva e Victor Levy Silva de Oliveira

## COLETIVO XARÉU

Coordenação Geral: Sólón Mendes – Maestro/Professor

Vocais: Carlos Vasco, Del Irerê, Mariana Brandão, Rebeca Lima e Suzi Jardim  
Sopro: Germano Filho (Papyllon sax), Jordaine Santos (Clarinete Bb), Lucas Ferreira (Trompete), Matheus Yves (Sax Tenor), Paulo Chagas (Tuba Bb), Pedro Henrique (Trombone) e Wagner Wanderley (Trombone) (junho a setembro)

Percussão: Cléber Costa Serra, Débora Ramos, Janaina Melo, Jão à Experiência e Josinan Assis (Nãnan)

Harmonia: Gabriela Bárbara (Piano), John Jazz (Guitarra), Moisés Maia (Baixo) e Sólón Mendes (Flauta transversal/Teclados)

Corda: Micael Saturnino (Violino)

Beats/Mixagem de Áudio/Master: André Johann  
Captação/Mixagem de Áudio: Leinne Portugal

Apoio Cultural: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer – Prefeitura de Santo Amaro, Educadora FM Bahia e TVE Bahia  
Apoio: Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (FAPEX) e Pró-Reitoria de Extensão (Proext)

Realização: Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cecult/UFRB) e Fundação Nacional de Artes (Funarte)

